O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

AMEMOS O MENINO DE BELÉM.
TORNEMO-NOS SEMELHANTES AO MENINO DE BELÉM.
(SÃO BERNARDO)

ANO XXVIII NOVEMBRO/DEZEMBRO 2007 335/336

Escrevem os Leitores

Gostei muito dessa publicação. Como católico não permito que protestantes aviltem a santíssima Mãe de Deus.
Benito Mariano de Mendonça Carleial
Belo Horizonte - MG.

Prezados irmãos em Cristo:
Que a Paz do Senhor e o Amor de Maria estejam com todos vocês. No ultimo dia 30 de agosto depositei uma pequena colaboração para ajudar nas despesas.
Paz e Bem!
José Antonio Fonseca.
São Bernardo - SP.

Eu, através do endereço eletrônico de meu amigo, queria fazer mais um pedido à equipe do jornal.
Se fosse possível e viável, me enviassem números super-atrasados que sempre sobram: o Natal das almas perdidas, tudo sobre Natal e Natais, aquele do revólver apontado para o leitor: o da criminalidade!
Obrigada.
Michelle Adélia.
Jandira - SP.

Caríssimos Irmãos, salve Maria.
Gostaria de receber o jornal católico "O Desbravador" na minha casa. Seguem meus dados.
Bruno Silva Lima.
Itapevi - SP.

Meu caro Sr. Messias de Mattos,
recentemente, na saída do Mosteiro de São Bento, fui contemplado com um exemplar do periódico "O Desbravador". Li atentamente de capa a capa. Fiquei muito satisfeito com as mensagens trazidas, em especial aquela intitulada "Retrato dum homem, pouco depois da sua morte".
Vitor Gomes.
São Paulo - SP.

Prezados,
Salve Maria!!!
Tomei conhecimento do periódico "O Desbravador" na saída da Missa tridentina do Mosteiro de São Bento no dia 21/10 e gostaria de recebê-lo.
Envio meu endereço, mas para livrá-los dos custos, gostaria de recebê-lo eletronicamente, por e-mail.
Grato pela atenção.
Luiz Fernado. São Paulo - SP.

Desejamos a todos os nossos leitores, colaboradores e amigos um Natal repleto das mais escolhidas bênçãos e graças do Menino Jesus por meio de Nossa Senhora e que no próximo ano tudo isso permaneça, são os votos da equipe de "O Desbravador".

O DESBRAVADOR
PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS.

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATTOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATTOS
MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MARIA PAULA BRANCO DE MATOS
CLARA REGINA B. DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JORGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATTOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDOS S. MOURA.

GRUPO DE APOIO
JOÃO PEDRO BRANCO DE MATTOS
EMANOEL ROBSON WENDT
ARTUR DE OLIVEIRA PASSOS
RENATO BARBOSA DOS SANTOS
FABIANO ALVES DE OLIVEIRA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"

CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059-970 - SÃO PAULO - SP
E-mail - odesbravador@uol.com.br

Uma antiga e belíssima canção natalina, composta por Santo Afonso Maria de Ligório, denominada "Tu scendi d'alle Stelle" (Desces das Estrelas), diz em sua letra coisas maravilhosas e que formam uma verdadeira Teologia natalina.

Sim, a canção diz que Nosso Senhor desce das estrelas, sendo o Rei do Céu e vem a uma gruta, ao frio, ao gelo.

Diz mais, diz que Nosso Senhor vem para sofrer no feno. E porque tudo isso?

Por amor de nós, pecadores, por amor de mim, pecador.

Nosso Senhor, na verdade, fazendo-se Homem, vem ao mundo para morrer por nós, para nos redimir do pecado, para nos salvar, e faz isso, mostrando todo o seu amor por nós. Irá morrer na Cruz por nós, irá chorar e sofrer por nós no presépio e tudo com um amor incomparável.

E faria novamente tudo o que fez por nós, por um único pecador que houvesse no mundo, tal o seu amor por nós.

E qual é nossa resposta a tão grande amor?

São Francisco de Assis dizia que chorava por ver tudo que Nosso Senhor Jesus sofreu por nós e ninguém pensava nisso.

Acrescentamos nós, não só não pensam nisso, como O ofendem de mil maneiras, todos os dias, em mil momentos.

Os homens só pensam em si.

Pensam em lucrar, em serem exaltados, em terem bens, em se divertirem, em terem prazeres. Os homens são ingratos.

Nosso Senhor, porém nos ama e nos quer católicos, quer que sejamos santos, quer que O amemos e O sirvamos. Quer mais, quer que colaboremos na salvação dos outros, que sejamos pessoas que façam os outros amá-lO.

Aproveitemos esse Natal para fazer de nossa vida uma vida nova, uma vida de amor e serviço a Deus.

Comecemos dando um presente ao Menino Jesus, fazendo uma boa confissão a um padre. Mudemos de vida.

Peçamos a Nossa Senhora que nos faça amigos de Deus e jamais voltemos a ofender a Deus, sendo esse Natal o marco de uma vida que procure retribuir o tanto que Deus nos amou e ama.

- Para receber "O Desbravador" basta mandar seu endereço, com CEP seja para o endereço do Correio (Caixa Postal 1525 – 01059-970 – São Paulo SP) ou por e-mail: (odesbravador@uol.com.br) e **gratuitamente** receberá bimestralmente a publicação em seu endereço, em qualquer ponto do Brasil.

MEU ÁLBUM DE FOTOGRAFIAS

Segunda-Feira, dia de arrumação dentro de casa. Logo de manhã, Paulo foi acordado pela sua mãe, e intimado a pular da cama imediatamente.

"Hoje você não escapa. Pegue a vassoura e limpe esse quarto. Sei de chiqueiros que andam mais limpos que esse lugar".

Conformado com o destino inevitável, Paulo lava o rosto, troca a roupa e inicia a arrumação. Em primeiro lugar, abriu o caminho. Livros, roupas, discos e outras tranqueiras vão sendo, aos poucos, removidos do tapete e colocados em seus lugares. Depois de meia hora, o chão está limpo. Paulo consegue, então, abrir a porta do guarda-roupa. Olha lá para dentro e senta no chão desanimado: o interior está ainda mais caótico do que estava o exterior. Enquanto Paulo coça a cabeça, desanimado pensando se valia a pena enfrentar aquela montanha de objetos, estes começam a balançar, e no instante seguinte caem fragorosamente, espalhando-se por todo o chão.

"Paulo, que barulho foi este? Você já acabou a limpeza?".

"To acabando, mãe...".

Os objetos começam a ser lentamente arrumados dentro do guarda-roupa: "ta aqui a minha chuteira... agora que o jogo já foi... o livro de escola do ano passado... meu canivete... o disco dos Rolling Stones... tampinhas de Coca-Cola... um álbum de fotografias... um... meu álbum de fotografias! Há quanto tempo que eu não o vejo...".

Sentado no chão, Paulo se esquece por um instante da limpeza, e soprando a poeira que cobre o álbum, começa a folheá-lo.

"Recordação do meu primeiro aniversário"... "quem será esta senhora que está atrás da mãe? Será que é a tia Clara? Como o mundo ficou diferente... Eu, então, nem se fala... eu e o Tonico, sentados no carrinho... acho que eu tinha quatro anos... deve ser mais ou menos isso, pois o Tonico morreu antes de fazer cinco... coitado do Tonico... meu primeiro relógio... era de plástico vermelho e tinha no meio um desenho... era um cachorrinho, se não me engano, era o Banzé...".

"Minha Primeira Comunhão... oito anos de idade... como eu estava elegante com aquele terno azul marinho e com a minha gravata branca... o Padre Aleixo dizia que a gravata branca era o símbolo da pureza de nossa alma e que nós devíamos manter as duas sempre brancas e sempre puras... onde será que está a gravata agora? E eu nunca mais vi o Padre Aleixo... também há quanto tempo eu não vou à Igreja... mas a minha cara estava diferente de hoje, isto estava...".

"Natal dos meus dez anos... eu e meu pai montando o presépio na sala... naquela época eu gostava de lidar com o presépio e de rezar para o Menino Jesus... naquela época eu gostava de rezar... a minha cara ainda estava igualzinha à da minha primeira comunhão... como a gente muda com o tempo...".

"Minha formatura do quarto ano... o terno é o mesmo da primeira comunhão... eu tirei o primeiro lugar da classe... eu gostava de estudar naquela época... a minha cara ainda não tinha mudado... por que será que a cara da gente muda tanto? Não é só por causa da idade, não... o Fabinho tem a mesma idade que eu, e a cara dele parece que não muda nunca... desde a primeira comunhão a cara é a mesma... parece que o rosto dele brilha... será que é porque ele não gosta de falar palavrão como todo mundo? O Padre Aleixo sempre dizia que os palavrões e as imoralidades mudavam a nossa alma, e deixavam o rosto feio, e com a aparência de sujeira... será que foi isso o que aconteceu comigo? Eu acho que não... mas que eu gostaria de ter a cara da minha primeira comunhão novamente... ah... como eu gostaria...".

Sentado no chão, Paulo olhava para o rosto que se refletia no espelho, e o comparava com a fotografia da primeira comunhão... uma saudade indizível se formava em seu coração, oprimia seu peito, constrangia sua garganta e operava não sei o que em seus olhos que os fazia... chorar?... não isso não! Chorar é coisa para crianças...

Bruscamente Paulo fechou o álbum e o atirou no fundo do guarda-roupa. A arrumação do quarto continuou. Mas Paulo não conseguia esquecer a fotografia. E, cada vez, que se lembrava, surgia novamente aquele nó na garganta, e aquela saudade... Aquela vontade...

Pensativo Paulo varria a sujeira do chão. Chorar é coisa de criança... Mas... Mas... Que vontade de ser criança outra vez...

"AMEMOS O MENINO DE BELÉM, TORNEMO-NOS SEMELHANTES AO MENINO DE BELÉM" *(São Bernardo)*

São Francisco Xavier

Dentre os gloriosos heróis que figuram na imensa galeria apresentada pela Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana, está maravilhosamente a pessoa de São Francisco Xavier, sacerdote da Companhia de Jesus, confessor, apóstolo das Índias, celeste padroeiro do Sodalício e da Obra de Propagação da Fé, e de todas as Missões, famoso pela conversão dos gentios, pelos seus carisma e milagres.

"Durante o século XV – observa Rohrbacher – enquanto um mau monge, Lutero, pervertia a metade da Alemanha, um santo religioso convertia grande parte da Índia e do Japão".

DE NOBRE FAMÍLIA

Francisco nasceu a 7 de abril de 1506, de grande nobreza, no castelo de Xavier, na Navarra, a oito léguas de Pamplona.

Enquanto os irmãos só aspiravam às distinções na profissão das armas, Francisco, embora possuísse todos os predicados para nela brilhar com todo o esplendor, dedicava-se mais ao estudo.

Cursou tudo quanto se lhe podia ensinar em Navarra, com a maior brevidade e admirável distinção. Seus pais secundaram suas prodigiosas disposições, mandando-o para a Universidade de Paris, na época o ponto de convergência dos estudantes nobres de toda a Europa.

Dele se dizia que "nunca estudante algum conseguira, em Paris, tanto com tanta facilidade".

Amável, belo, de porte elegante, airoso em seus ademanes, distinto em suas maneiras, bastava vê-lo para se reconhecer nele a nobreza de sua origem. Sua admirável inteligência, a sua paixão pelo estudo, as brilhantes qualidades do seu espírito, davam-lhe uma incontestável superioridade sobre todos os rapazes de sua idade.

Foi em Paris, no colégio de Santa Bárbara, que conheceu o Compatriota Santo Inácio de Loyola, que o atraiu para o serviço de Deus com as célebres palavras:

- De que serve ao homem ganhar o universo, se vier a perder a sua alma?

Logo se tornou discípulo de Santo Inácio e seria um dos que com ele formariam a Companhia de Jesus. Tornou-se sacerdote e, sob a direção daquele, fez em pouco tempo muitos progressos na vida espiritual, tanto que, por mais de uma vez, enquanto contemplava as coisas divinas tinha o corpo elevado no ar. Isso aconteceu mesmo diante do povo, algumas vezes, quando da celebração da Santa Missa. Graças tão extraordinárias eram recompensas de suas mortificações.

Nunca, até conhecer Santo Inácio, o elegante Francisco conseguira ver uma úlcera. Tinha por esta espécie de doença um tal horror instintivo, que o fazia fugir imediatamente. Agora está transformado. Ao entrar no hospital dos incuráveis, em Veneza, ouviu falar de um doente com uma úlcera tão repugnante, que era necessário uma coragem sobre-humana para se poder aproximar dele. O semblante de Francisco irradiou-se de alegria. Era chegado o momento de triunfar de si mesmo para dar um passo mais na senda da virtude, segundo a máxima de seu santo amigo.

Xavier cai de joelhos ao lado do doente, abraça-o carinhosamente, fala-lhe de Deus, consola-o e anima-o ... Descobre imediatamente o membro ulcerado... A repugnância cresceu!.. Porém o jovem Santo quer triunfar a todo preço, porque sabe que o combate se dá sob as vistas de Deus!

Aproxima seu belo rosto do membro purulento e empalidece... a natureza revolta-se... Xavier sente-se desfalecer... Apressa-se por isso a levar os seus lábios para a hedionda chaga! Beija-a! E para ir mais longe... chupa-a!!!

Deus esperava esta última vitória! Xavier considerava-se então mais feliz por ter triunfado de si, do que havia sido até ali pelos seus brilhantes feitos do mundo.

AINDA MAIS, SENHOR!

Uma noite, num hospital de Roma, ouviram-no gritar "Ainda mais, Senhor! Ainda mais!" Embora se insistisse para que explicasse o motivo dessa exaltação, preferiu manter o silencio. Mais tarde, antes de partir para as Índias, confiou o segredo ao seu amigo Pe. Simão Rodrigues: "Vi então, se em sonho ou acordado, Deus o sabe, tudo quanto devia

"ALEGREM-SE OS CÉUS E REJUBILE-SE A TERRA DIANTE DO SENHOR PORQUE ELE CHEGOU"
(*Da Missa de Natal*)

sofrer pela gloria de Jesus Cristo Nosso Senhor deu-me naquele momento tamanha avidez de sofrimentos, que os que me apresentavam me pareciam insignificantes e eu ardentemente desejava mais Era esta exaltação da minha alma que me fazia gritar com transporte: Ainda mais! Ainda mais! E espero que a Divina Bondade me concederá nas Índias o que me fez ver em Itália, e que os ardentes desejos que me inspirou ao coração serão imediatamente satisfeitos!"

São Francisco Xavier não comia carne, não bebia vinho, raramente fazia uso de pão que levasse fermento, alimentando-se de coisas das mais triviais Às vezes, passava dois ou três dias sem alimento algum, absolutamente Flagelava-se até o sangue com disciplinas de ferro e não dormia senão poucas horas, sobre a terra.

Foi com esta vida santa e austera que se preparou para as futuras funções de apostolo, quando, a pedido do rei de Portugal, o Papa Paulo III o enviou às Índias, com a autoridade de núncio apostólico.

Por mais de uma vez, enquanto falava numa só língua, cada nação o ouvia na sua própria. Percorria inumeráveis províncias, sempre a pé e descalço. Em dez anos somente, levou ele a Fé a povos cuja extensão era de mais de três mil léguas. Calcula-se que no decurso de seu apostolado, desde a sua partida de Paris para Veneza, até a morte, o nosso Santo percorreu mais de trinta e cinco mil léguas. Ou seja, várias vezes o giro ao globo terrestre!

Converteu centenas de milhares de homens. Batizou reis e príncipes incontáveis E Deus autorizava suas pregações pelo dom da profecia e dos milagres.

OS MILAGRES

Escrever sobre eles não é tarefa fácil. Eles são tão numerosos que a escolha se torna difícil... O processo de canonização reconheceu 24 ressurreições juridicamente provadas e 88 milagres de primeira grandeza. Destacaremos alguns, apenas dois ou três, extraídos do admirável livro de Dourignac.

Quando São Francisco Xavier chegou à ilha de Manar, no Índico, toda a população correu ao seu encontro. Uma horrível peste ceifava mais de cem vidas por dia. Xavier pede aos manarenses que esperem três dias e rezem por ele. No terceiro dia a peste cessou, todos os doentes se viram instantaneamente curados e na mesma hora. Os que ainda eram pagãos pediram o batismo, apesar da perseguição aberta contra os cristãos.

Viajava Xavier de Amboino para Baranura, no Oceano Pacifico, numa ligeira embarcação, quando sobrevém uma tempestade tal que os próprios marinheiros ficam aterrorizados. Já se julgavam perdidos... São Francisco Xavier toma o seu crucifixo, inclina-se sobre a borda do barco para o mergulhar naquele mar em fúria e o crucifixo escapa-lhe da mão! O Santo apóstolo mostra-se em extremo consternado por aquela perda, chora aquele tesouro que havia operado tantos prodigios

Na manhã seguinte, depois da perigosa travessia, chegam à ilha de Baranura Decorrera já mais de vinte e quatro horas que o crucifixo caira no mar. O padre Xavier e um companheiro dirigiam-se para o bairro de Tálamo, seguindo pelo litoral, quando depois de caminhado uns quinhentos passos, viram sair do mar e vir para eles um caranguejo trazendo entre suas garras que mantinha levantadas, o crucifixo de São Francisco Xavier! O caranguejo vai direto ao santo e para junto dele Xavier ajoelha-se, prostra a fronte em terra, toma o seu amado crucifixo que lhe será dali em diante muito mais precioso, beija-o com todo o amor e reconhecimento, e o caranguejo, voltando sobre os seus passos, desapareceu nas ondas.

Muitos anos depois, os habitantes da região encontraram no alto mar um caranguejo duma espécie desconhecida, trazendo uma cruz latina sobre a concha, e tendo barbatanas nos pés traseiros, o que nunca se tinha visto até então. Ficaram admirados do maravilhoso crustáceo, e empenharam-se em fazê-lo conhecer com o nome de caranguejo de São Francisco Xavier, persuadidos que estavam que ele provinha daquele que a Divina Providência se servira para restituir ao santo apóstolo o crucifixo caído no mar das Molucas

Os grandes milagres operados pelo Santo em Cangoxima encheram de esperança um leproso que vivia separado de todo o mundo. Manda pedir ao santo padre que lhe faça uma visita. Impossibilitado de acudir ao chamamento do infeliz, Xavier encarrega um dos seus de ir lá, dizendo-lhe:

"Perguntareis três vezes àquele doente se ele acreditará em Jesus Cristo, no caso em que a sua lepra desapareça; e, se assim o prometer, fareis sobre ele o sinal da Cruz, depois de cada resposta".

O enviado do apóstolo executa pontualmente as ordens que recebera e o doente responde três vezes que acreditará em Jesus Cristo, e depois do último sinal da Cruz, que se seguiu à sua ultima resposta, a lepra desaparece subitamente!

Já na Ilha de Sancião – próxima à China – aonde veio a falecer, São Francisco Xavier pede a um rico comerciante, Pedro Velho, um donativo para auxiliar uma pobre órfã. Pedro dá ao Santo a chave de seu cofre, que continha 45 mil escudos de ouro, recomendando que retirasse o quanto quisesse. O padre Xavier serve-se de 300 escudos de ouro. Alguns dias depois, fazendo suas contas, o comerciante acha intacta a soma de 45 mil escudos.

Quando Pedro Velho foi reclamar contra a discrição do padre Xavier, pois esperava que levasse pelo menos a metade do dinheiro, o Santo conta do milagre. Prometeu as bênçãos de Deus ao seu benfeitor. "Anuncio-vos, além disso – acrescentou – que sereis advertido do dia de vossa morte".

Perguntando qual seria o sinal certo de sua morte, Pedro Velho obteve este oráculo: "Quando achardes o vinho amargo, preparai-vos, porque não tereis mais de um dia a viver".

O mercador português chegou a uma extrema velhice, sem perder a sua jovialidade natural, mas sem esquecer a predição do seu bem-aventurado amigo. Um dia, estando à mesa com muitos convivas, acha o vinho amargo e pergunta aos que o cercam se eles sentem o mesmo gosto; todos respondem que o vinho é excelente.

Pedro Velho faz servir-se de outro vinho e acha-lhe igual amargor. Não lhe resta mais dúvida, a sua última hora é chegada. Faz interiormente a Deus o sacrifício da sua vida e depois comunica aos seus convidados a predição do Padre Xavier.

Terminada a refeição ocupa-se dos arranjos do seu negócio, distribui a fortuna pelos pobres, vai dizer adeus aos seus amigos, pede-lhes as suas orações, convida-os para o seu enterro e faz preparar os seus funerais.

Na manhã seguinte assiste ao Santo Sacrifício da Missa, que era oferecido por sua intenção, e ali comunga como Viático... no fim da Missa estava morto...

Fato entre todos admiráveis é a milagrosa conservação do corpo de São Francisco Xavier. No dia 2 de dezembro de 1552, sexta-feira, pelas duas horas da tarde, com apenas 46 anos de idade, Francisco Xavier "carregado de méritos e trabalhos, adormeceu no Senhor" (Martirológico).

Estava na ilha de Sancião, da qual se avista a China, que ele ardentemente desejava conquistar para Jesus Cristo.

Os Portugueses revestiram o corpo com os hábitos sacerdotais, colocaram-no num esquife, que encheram de cal viva para não terem que transportar senão ossos!!!

Antes de partirem de volta às Índias, a 17 de fevereiro de 1553, dois meses e meio depois da morte de Francisco Xavier, o esquife é aberto para se verificar o conteúdo e encontra-se o rosto fresco, corado, sereno... O Santo parecia dormir. Os ornamentos não estavam alterados. Examinando o corpo, ele parecia cheio de vida. Um dos homens corta um fragmento de carne, acima do joelho... o sangue salta! Correm ao navio e levam a preciosa relíquia ao capitão; ele quer julgar diante daquela grande maravilha. O santo corpo exalava um perfume que não tinha nada com que se comparasse sobre a terra.

Todos se aproximaram, beijaram-lhe os pés e as mãos, e depois se colocou de novo no esquife a cal que se tinha retirado, e empreenderam a volta para Málaca, na Índia, onde chegaram a 22 de março.

Aí o governador Álvaro de Ataíde, inimigo da Igreja, vai requintar a perseguição que movia ao Santo; proíbe a veneração ao corpo, que é retirado do esquife e lançado numa cova muito pequena, de sorte que o comprimiram e dobraram para ali entrar. Rasgaram-lhe alguns tanto os ombros, de onde saiu sangue que derramou em cheiro muito agradável. Foram ainda tão indiscretos que calcaram a terra que cobria o corpo, pisando até que a terra ficasse bem batida...

Na noite do dia 15 de agosto de 1553, cinco meses depois, um grupo de amigos de Xavier, em número de seis, dirigiram-se furtivamente para o sítio em que o precioso corpo estava enterrado e o descobriram. Acharam-no tão fresco como se a vida o não tivesse deixado. O lenço branco que cobria o belo rosto de Xavier estava molhado com o seu sangue!!! Os amigos do nosso Santo prostraram-se diante daquele prodígio, derramaram lágrimas de sentimentos pela profanação de que eram testemunhas.

Retirado para lugar seguro aguardaram uma embarcação que pudesse levar o venerando corpo para Goa. Colocaram na câmara uma tocha que devia durar dezoito horas. Ardendo, porém, noite e dia, durou dezoito dias!

Chegando a Goa, todos, as Autoridades e o povo, recebem-no de joelhos. Milagres sem conta se operaram à sua passagem...

O corpo de São Francisco foi encerrado num riquíssimo relicário na Catedral de Goa.

Em 1612, o padre Aquaviva, Geral da Companhia de Jesus, pede à casa de Goa que envie a Roma o braço direito de São Francisco Xavier. Este braço, que havia operado tão grandes prodígios, produziu então um novo e mais admirável ainda.

O corpo foi encontrado com a mesma frescura, a mesma flexibilidade e as mesmas cores, que as de um homem vivo; corta-se o braço direito pedido pelo Superior Geral e o sangue corre com tanta abundância como se o corpo estivesse cheio de vida! Embeberam-se nele panos que os Padres de Goa enviaram a Felipe IV, rei da Espanha, e recolhe-se em um frasco com a mão à Casa de Roma. O braço foi dividido entre os colégios de Cochim, da Málaca e de Macau.

No dia 12 de outubro de 1859 foi feita nova verificação do corpo: estava incorrupto, mas seco. Desde então ele é exposto à veneração pública a cada 7 anos, no dia 3 de dezembro.

São Francisco Xavier, nos breves anos de sua vida, conquistou milhares de almas para Deus. Sentia que o dia não tivesse vinte e cinco horas para por mais uma hora servir ao Senhor. Quando morreu, preparava-se para ir à China, para ali conquistar almas para a Santa Igreja Católica.

Na sua esteira, muitos outros jovens, nos séculos seguintes, correram mundo para também buscarem almas, esse tesouro preciosíssimo para Nosso Senhor.

Hoje, infelizmente, a atividade missionária está muito reduzida. De um lado, há pouco interesse nessa empresa, e com isso, desgraçadamente, as almas freqüentemente descambam para as seitas. De outro, poucos jovens entregam-se a esse nobre ideal de se dedicar à conversão das almas. A messe continua grande e poucos, pouquíssimos os operários.

Quem sabe, caríssimo leitor, não é você alguém que, como outro São Francisco Xavier, deva também dedicar sua vida a trabalhar na salvação das almas, pelas quais Nosso Senhor Jesus Cristo morreu e derramou até a última gota de Seu Preciosíssimo Sangue?

Que Nossa Senhora, rainha dos Apóstolos, ilumine os nossos jovens para seguirem o exemplo desse grande santo e os ajude a imitá-lo no seu imenso desejo de conseguir almas para Deus.

COMO AJUDAR "O DESBRAVADOR"

BANCO ITAÚ
C / C 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP
BRADESCO
C / C 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP
Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA
Ou então, envie-nos pelo correio um cheque nominal e cruzado ao Grêmio Santa Maria

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

"DAS COISAS DIVINAS, A MAIS DIVINA É COOPERAR COM DEUS NA SALVAÇÃO DAS ALMAS" (*São Dionísio Areopagita*)

"EU CONTINUARIA BRINCANDO"

Certo dia São Luiz Gonzaga estava brincando e, eis que lhe perguntam, que coisa faria se seu anjo da guarda lhe dissesse que ele morreria em quinze minutos.

Ele, em sua inocência, respondeu: "eu continuaria brincando".

Resposta magnífica de quem vive na amizade de Deus, de quem vive sem pecados na alma.

A verdadeira alegria só pode existir no coração daqueles que amam a Deus e o servem. Paz de espírito, tranqüilidade interior, consciência ordenada somente podem existir numa alma fiel a Deus. Somente Deus pode nos proporcionar a felicidade que tanto almejamos.

São Luiz Gonzaga – S.J.

NÃO IREI DORMIR EM PECADO

Quando fez a sua primeira comunhão, tomou um menino a resolução de nunca ir dormir com um pecado mortal na consciência.

O seu propósito era: "Se tiver a desgraça de cair em falta grave, irei confessar-me no mesmo dia e não irei para a cama antes de me haver reconciliado com Deus".

Alguns meses mais tarde teve a fraqueza de cometer um tal pecado. Era sábado, fazia mau tempo e a igreja era distante. Ele dizia:

- Amanhã, quando for à missa, procurarei o confessor e me confessarei.

Lembra-se, porém, de sua promessa e uma voz interior lhe diz:

- Faze o que prometeste, vai te confessar...

Contudo, não se resolvia a ir e, nessa luta, ajoelhou-se e implorou o auxilio de Nossa Senhora, rezando uma Ave-Maria para que lhe fizesse conhecer a vontade de Deus. Apenas terminara a sua oração, sentiu-se mais vivamente impelido a ir confessar-se imediatamente. Levanta-se, corre à igreja e confessa-se.

De volta, encontra-se com sua madrinha que lhe pergunta de onde vem.

- Acabo de confessar-me, diz com rosto alegre e feliz. Cometi um pecado e não quis ir dormir sem alcançar o perdão; agora sim, tendo recuperado a graça de Deus, posso dormir tranqüilo...

Sua mãe tinha o costume de deixá-lo dormir um pouco mais aos domingos; por isso não foi despertá-lo cedo. Às sete horas bate à porta, chama-o pelo nome... Não responde. Passa um quarto de hora e o menino não aparece. Chama-o de novo, mas sem resultado algum.

Inquieta, abre a porta, abrira-se da cama onde o filho jaz imóvel; pega-lhe da mão, está fria; fixa-o um instante, dá um grito e desmaia... O menino estava morto!

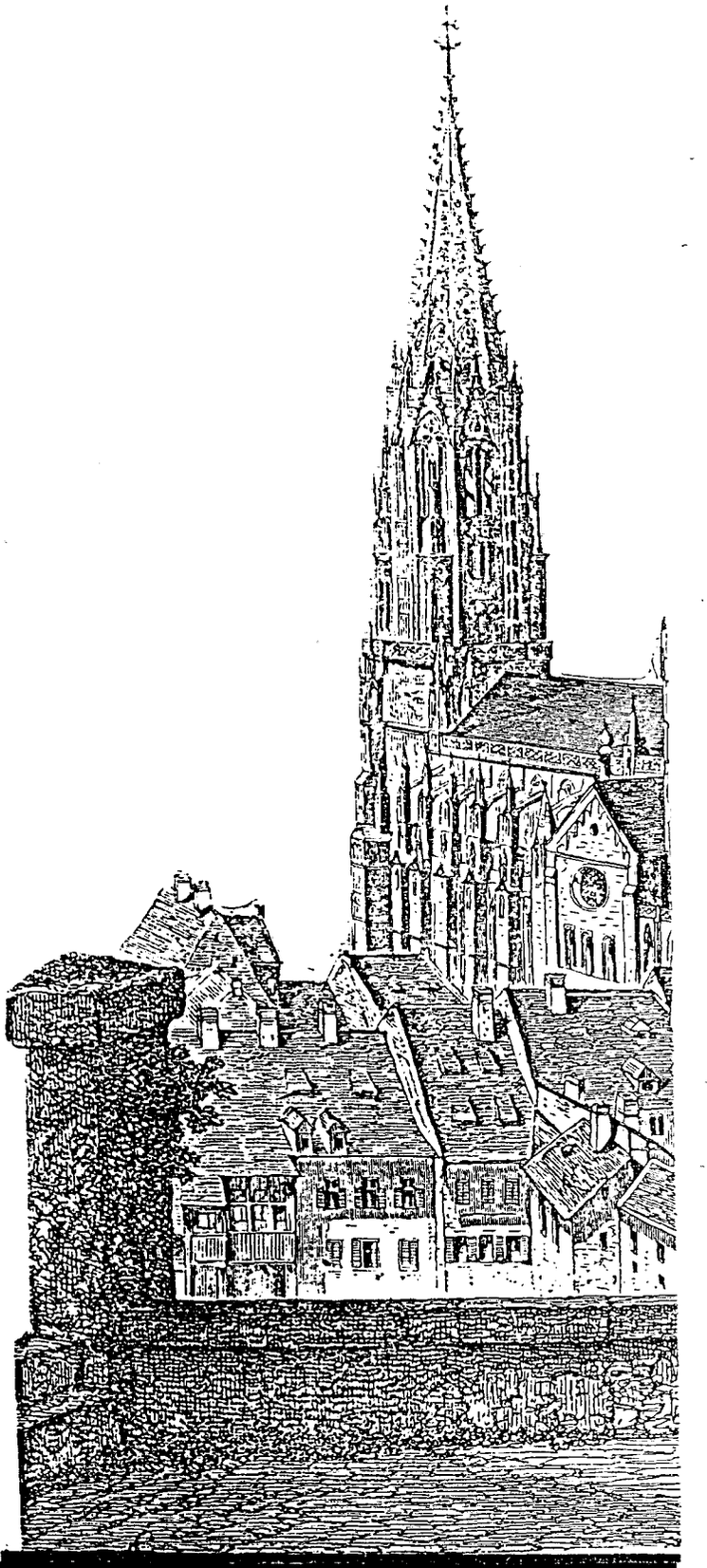
E se não tivesse isso se confessar?

O BISPO UDO

Temos a alegria de publicar um caso edificante contado por Santo Afonso Maria de Ligório em seu famosíssimo livro "Glórias de Maria". A esse respeito, conta-se que, estando já Santo Afonso bem velho (perto de 90 anos), e semi-paralítico, um outro irmão de sua congregação periodicamente o levava a passear no jardim do convento, em sua cadeira de rodas. Em uma vez, para distraí-lo um pouco, leu a Santo Afonso trechos do "Glórias de Maria". Santo Afonso ficou encantado, então se lembrando mais de que era o autor, perguntou ao irmão: "Quem é a pessoa que escreveu tão grandes maravilhas a respeito da Mãe de Deus?" E o irmão, procurando na lombada do livro, respondeu: "É de Afonso Maria de Ligório..." Ao que Santo Afonso imediatamente se calou, por humildade.

O caso do bispo Udo é ao mesmo tempo maravilhoso e terrível. Mostra o que pode acontecer com quem abusa da misericórdia de Nossa Senhora. Que nos sirva de exemplo.

Contam vários autores que em Magdeburgo, cidade da Saxônia (Alemanha) vivia um homem chamado Udo, o qual, quando jovem, era de tão pouca capacidade intelectual que era motivo de deboche de todos os seus colegas de escola. Um dia estando ele muito aflito com sua incapacidade, começou a rogar à Santíssima Virgem, diante de uma sua imagem, que o ajudasse. Maria lhe apareceu em sonhos, e lhe disse: Udo, eu desejo te consolar, e não só te obterei de Deus uma inteligência que o livre dos deboches, mas lhe darei um talento tão grande que te tornará admirável. E lhe prometo ainda que, depois da morte do atual bispo, você será eleito em seu lugar.



"NÃO TEMOS OUTRA CONFIANÇA AFORA DE VÓS, Ó VIRGEM PURÍSSIMA"
(*Santo Éfrem*)

Assim falou Maria, e assim tudo sucedeu. Udo cresceu na ciência e no conhecimento, e obteve o bispado daquela cidade.

Mas, Udo foi tão ingrato a Deus e à sua Benfeitora, que abandonou toda devoção, e acabou se tornando o escândalo de todos. Uma noite, enquanto estava em seu leito com uma sacrílega companhia, escutou uma voz que lhe dizia: "Udo, não brinque com Deus. Basta quanto você já O ofendeu".

Da primeira vez que escutou essas palavras, Udo não lhes deu importância, acreditando talvez que algum homem o quisesse assustar. Mas, tornado a ouvir a mesma coisa na segunda e na terceira noite, começou a temer que aquele fosse um aviso do céu. Entretanto, nem isso foi suficiente para fazê-lo abandonar seus vícios. Assim, depois de três meses, tempo que Deus lhe deu para que se emendasse, chegou o castigo.

Uma noite, um devoto cônego chamado Frederico estava rezando na igreja de São Mauricio, suplicando a Deus que remediasse de alguma forma o enorme escândalo que dava o bispo. Então, subitamente, um grande vento escancarou a porta da igreja. Em seguida entraram dois jovens, com tochas acesas na mão, e se postaram aos lados do altar-mor. Após eles, entraram outros dois, que estenderam um grande tapete diante do altar, e arrumaram sobre ele dois tronos de ouro. Vem depois um outro jovem, em vestes de soldado, e com uma espada na mão. Parando no meio da igreja o jovem soldado gritou: "Ó vós, santos do céu, que tendes vossas relíquias veneradas nesta igreja, vinde assistir à grande justiça que fará o soberano Juiz!" Movidos por esse brado, surgiram na nave da Igreja muitos santos, e também os doze apóstolos, para serem acessores do julgamento que se iria realizar. Finalmente, entrou o próprio Jesus, e tomou lugar em um dos tronos. Depois, compareceu a Virgem Maria, seguida por um cortejo de muitas virgens, e tomou de seu Divino Filho. Então o Juiz ordenou que se trouxesse o réu. E este era o mísero e infeliz Udo.

Inicialmente falou São Maurício, em nome de todo o povo escandalizado, pedindo justiça contra aquela vida infame. E todos levantaram suas vozes, clamando: Senhor, ele merece a morte. "Que seja executado imediatamente", disse o Eterno Juiz. Mas antes que se cumprisse a sentença – veja-se quanto é grande a piedade de Maria – aquela mãe de misericórdia, para não assistir àquele tremendo ato de justiça, retirou-se da Igreja. Então, o anjo que portava a espada se acercou de Udo, e de um só golpe lhe separou a cabeça do tronco. E assim terminou a visão do cônego.

O interior da igreja voltou a ficar na penumbra. O cônego Frederico, tremendo de medo, foi acender uma lâmpada, e viu o corpo de Udo separado de sua cabeça, e o pavimento todo ensangüentado. Quando amanheceu, e o povo veio à Igreja, o cônego narrou toda a visão que teve, e a horrível tragédia que havia acontecido. Naquele mesmo dia, a alma de Udo, condenada ao Inferno, apareceu a um seu capelão, que nada sabia do que havia sucedido na igreja. Diante dessas evidências, o cadáver de Udo foi atirado em um abismo, e o seu sangue permaneceu manchando para sempre aquele pavimento, que sempre é mantido coberto com um tapete. E desde então se adotou o costume de descobrir aquela mancha sempre que um novo bispo tome posse, para que este, à vista de tal castigo, pense bem em ordenar corretamente a sua vida, e não ser ingrato às graças do Senhor Jesus e de sua Mãe Santíssima.

INVERSÃO DE VALORES

Anos atrás, os jornais noticiaram um fato inusitado: uma fêmea de jegue, supostamente de pedigree, ficara grávida de um animal que não era de raça.

Sabendo desse fato, o proprietário dela queria que fosse feito um aborto. Imediatamente, ecologistas, ambientalistas, sociedades protetoras dos animais e, inclusive, uma famosa apresentadora de televisão saíram a campo para evitar que tal fato ocorresse. A apresentadora, inclusive, chegou a oferecer polpuda soma para comprar a égua e, com isso, evitar o aborto.

Longe de nós deixar de apoiar essa atitude contra o aborto do animalzinho. Mas, perguntamos: e para as crianças? Não há quem se levante em sua defesa? Não há quem seja a voz de milhares, de milhões de infelizes crianças abortadas todos os anos? Se é feito tão grande barulho para que o bebê jegue nasça, não seria natural e normal que muito mais barulho fosse feito em favor dos bebês gente?

Crianças são abortadas todos os dias e quase ninguém se levanta, para dizer: BASTA! Basta de serem assassinadas impunemente criaturas de Deus. Basta de serem ceifadas no nascedouro vidas humanas, basta de serem trucidadas imagens e semelhanças de Deus. Basta de tanta indiferença diante do maior crime de nossos dias: o assassinato dos inocentes.

PROTEGEM-SE BALEIAS, JEGUES, MATAS E TANTAS OUTRAS COISAS. ENTRETANTO MILHÕES DE CRIANÇAS SÃO ABORTADAS. E QUASE TODOS SE CALAM.

A matança das pobres crianças abortadas. O morticínio dos que não verão jamais a luz do dia e não receberão jamais a luz da graça através do batismo.

Grita-se por um jegue, grita-se pelas baleias, faz-se um barulho enorme pelos pandas pintados ou pelos macacos pregos. Entretanto, pelas crianças há cumplicidade e silêncio.

Cumplicidade de médicos, parteiras, enfermeiras, farmacêuticos, mães, pais, amigos que de qualquer forma cooperam com os abortos. Estes todos são assassinos.

Por outro lado, há os silenciosos. Os que deveriam bradar, mas se calam. Deveriam mostrar que a vida de um ser humano vale incomensuravelmente e incomparavelmente mais que qualquer mico, baleia ou panda. Mais, incontestavelmente mais que qualquer jegue ou que todos os jegues do mundo reunidos. E, no entanto, esses defensores da vida dos irracionais calam-se, como se calam tantos outros ante a barbárie que é o aborto de milhares de crianças inocentes.

Tantos defendem os direitos dos irracionais. Quase ninguém se levanta com santa cólera e com ardor imenso para defender a vida das crianças que devem nascer e os direitos de Deus, Nosso Senhor, autor da vida e cujos direitos tem sido impunemente violados pelos homens, em tantas monstruosidades de nosso tempo, máxime nos abortos que impiedosamente se praticam.

"OS QUE REZAREM MEU ROSÁRIO ACHARÃO DURANTE A VIDA, E NA MORTE CONFORTO E LUZ" (*Nossa Senhora a S. Domingos*)

SÃO FRANCISCO DE ASSIS E O LEPROSO

Ia São Francisco de Assis, certo dia, a cavalo pelo campo afora, quando o vento lhe trouxe um cheiro de sepultura. Olhou em torno: estava pouco distante do leprosário de São Salvador, entre Santa Maria dos Anjos e Assis. Esporeou o animal e tapou o nariz, imaginando vivamente aqueles doentes repugnantes, segregados da sociedade como cadáveres, aos quais, várias vezes, socorrera com esmolas, mas dos quais nunca se aproximara, tanto lhe causavam horror.

O campo, entretanto, ria ao sol, e a alegria de viver era manifesta no seu semblante. Era jovem, era forte, era rico. Seria, porém, daqui a pouco, um fiel discípulo do Mestre. A um certo ponto, o seu cavalo empinou-se: à margem da estrada estava um homem. Um homem, não; um leproso. Francisco viu apenas aquela face purulenta, escavada de cada lado pelas cavernas das órbitas, e, ao primeiro impulso puxou as rédeas para voltar. Porém, a voz interior que tantas vezes sentiu, tornou-se agora: cavaleiro de Cristo, tens medo?

De um salto pôs-se em terra, apertou a mão do leproso, beijou-lhe os dedos despolpados, sentou-lhe o mau cheiro das gangrenas e deixou-lhe uma moeda que era nada em face da caridade divina daquele beijo. Tornou depois a montar e lá se foi a galope, louco de náusea e de doçura. Mas, no dia seguinte, com meditada coragem, foi ao leprosário, lavou e pensou as chagas dos doentes, serviu-lhes humildemente e deu a cada um, uma moeda e um beijo. Algo dentro dele se debatia como uma cobra decepada. Sua vontade, porém, se comprazia em pisá-la como em um inimigo vencido.

Uma vez, em certo leprosário servido por seus frades, havia um doente tão exasperado pelo mal, que injuriava, maltratava, batia os enfermeiros e blasfemava como um possesso. Os frades, a principio, suportavam pacientemente. Mas depois de lhe haverem feito várias advertências, já andavam dizendo: abandoná-lo-emos; tem o diabo no corpo. Não se decidiram, todavia, a isto, sem a permissão do mestre, São Francisco. Informaram-no do caso e São Francisco veio.

"Deus te abençoe e de dê a paz, caríssimo irmão", disse de inicio o santo, fazendo ao doente a costumada saudação. O outro, porém, abespinhou-se:

"Que paz posso ter, se Deus me reduziu a esta podridão?" – "Paciência, meu filho, as doenças do corpo são a saúde da alma, quando suportadas com paciência".

"Paciência! Paciência! A quem aconselha, não lhe dói a cabeça. Como posso agüentar a dor que me aflige dia e noite? E não só me aflige a doença, como pior me fazem passar os teus frades, que não me servem como deveriam".

Compreendeu Francisco que com aquele não adiantavam argumentos e recorreu à sua máxima força, a oração. Depois tornou:

"Pois bem, meu filho, servir-te-ei eu próprio, desde que os outros não te contentam".

"Está bem, mas o que poderás fazer mais que os outros?".

"Pede o que quiseres, que eu farei", respondeu humildemente o santo. E o leproso exigente: "Então quero que laves o corpo todo, porque eu cheiro tão mal, que não me posso suportar".

Francisco mandou imediatamente aquecer água com ervas odoríferas. Despiu o doente e começou a lavá-lo com cuidado e delicadeza, enquanto um outro irmão o ajudava derramando a água quente e perfumada.

Para vencer a náusea, fez o santo como se estivesse lavando a Jesus Cristo, pondo o pensamento nele, tocando as úlceras fétidas como se tocasse as cinco chagas, pedindo: "Curai-lhe, Senhor, o corpo e a alma".

O leproso, entretanto, sente-se reviver ao contato daquelas mãos que antes acariciam do que lavam, e seu coração se funde, diante daquela santidade que se humilha sem humilhá-lo, porque o ama. O pobre enfermo se sente de fato amado pela primeira vez e já não sofre; esquece a doença, como se a fetidez das úlceras houvesse desaparecido ao toque daquelas mãos maternais e em vez das chagas do corpo, vê agora as chagas da sua alma: a soberba, a ira, a rebeldia contra Deus, os múltiplos pecados de sua juventude, dos quais vem a lepra, e chora.

Chora, e suas lágrimas caindo nas águas perfumadas, curam-lhe o corpo e a alma.

Milagre! Milagre! É a voz que corre pelo leprosário. Francisco curou e converteu com um banho perfumado o leproso possesso, a pedra de escândalo do hospital!

Foge, então, o santo, e lá se vai para longe, nas montanhas, agradecendo a Deus, pois não era a sua própria, mas a glória de Deus que procurava. De que valem os louvores dos homens que não vêem o coração e nada podem fazer pela nossa salvação?

Passa-se um mês, e eis que aparece a Francisco, que reza entre as árvores, como os pássaros, uma sombra branca.

"Reconheces-me?".

"Quem és?" Perguntou o santo.

"Sou o leproso que Cristo curou, em virtude de teus méritos e que hoje vou para a vida eterna, pelo que, rendo graças a Deus e a ti. Bendita a tua alma, bendito o teu corpo, bendita a tua Ordem!".

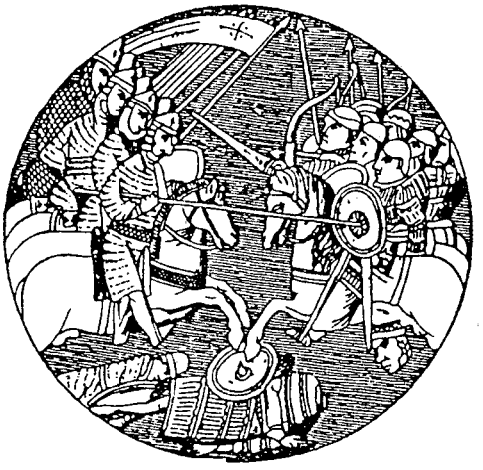
A alma salva desapareceu e Francisco muito ficou consolado.

Um Conto Medieval

FREI AVE MARIA

Era uma vez um jovem e valente cavaleiro, de barbas douradas como o trigo maduro banhado pelo sol. Entusiasmado pelo ideal, ele havia partido para as Cruzadas, edificando os cristãos pela sua piedade e, aterrorizando os turcos, pelo seu valor. Sua fé e sua coragem lhe haviam merecido estar na primeira fila em todos os combates. Espada na mão, foi o primeiro a romper o cerco que os turcos fizeram. No dia 14 de julho de 1099, de espada na mão, foi o primeiro a entrar na cidade de Jerusalém, ao lado do comandante Godofredo de Buillon. E, abrindo um claro entre a turba muçulmana que lutava e que fugia, foi o primeiro a se ajoelhar nas lages do Santo Sepulcro, beijando sua espada ensangüentada e, dando graças a Deus.

Era um valente, e Deus o quis provar, permitindo-lhe uma cruz na proporção do seu valor. Quando atravessava, vitorioso, as ruas de Jerusalém, seus olhos vislumbraram os movimentos de um muçulmano covarde que, do alto de uma torre, lançava um bloco de pedra contra Godofredo de



Buillon. Para salvar o seu chefe, o cavaleiro o empurrou e o pesado bloco o atingiu na cabeça. Quando o acudiram e retiraram o seu elmo todo amassado, viram horrorizados aquele enorme talho, de onde o sangue brotava como de uma fonte. O maior dos combates do jovem cruzado estava para começar.

Seus amigos solícitos o levaram de volta à Europa, e seu jovem corpo se recuperou, mas um pouco de seu espírito havia ficado para sempre entre os muros de Jerusalém. O filho, que a mãe chorosa abraçou na volta, era quase que apenas um invólucro daquele que a havia beijado ao partir. Os olhos ainda sorriam quando ela o penteava, ou quando mostrava seus brinquedos de criança, ou quando apontava a pequena Virgem de marfim que sempre estivera à sua cabeceira. Mas... que tristeza! Suas mãos não tinham mais coordenação. Andava cambaleando, como um velho embriagado. E, mal balbuciava as palavras, num enorme esforço de mãos crispadas e lábios torcidos, uma caricatura grotesca que fazia rir os insensatos, de um riso maldoso, que atravessava o coração de sua mãe.

Que seria de seu filho quando ela morresse? Sem parentes, sem esposa e sem filhos, quem dele cuidaria? Sentido a passagem dos anos, a senhora procurou o superior de uma Ordem beneditina que ocupava um pequeno e desconjuntado convento próximo. E, foi clara e franca, no que disse: deixaria em herança para a Ordem, o seu castelo, o seu feudo, todos os seus rendimentos e toda a sua fortuna. Só lhes pedia a condição de que cuidassem bem de seu filho, até o dia em que Deus o quisesse levar.

Os olhos do superior brilharam. A nobre senhora não deveria se preocupar, que seu filho seria bem cuidado. Ele até o admitiria na Ordem como irmão leigo. E, com o tempo e com a paciência dos monges, que carinhosamente o assistiriam ele poderia até mesmo aprender a rezar as Horas e lhe fazer companhia no Coro.

E assim foi. A senhora faleceu e os monges se transferiram para o castelo, passando a ocupar seus quartos, suas salas e seus salões. Ao cruzado, agora irmão leigo, foi permitido que ocupasse seu antigo quarto de menino, conservando alguns dos móveis e a Virgem de marfim. Ajoelhado diante da Virgem, o cruzado rezava, repetindo sempre as duas únicas palavras que conseguia reter em sua memória: "Ave Maria". O resto da oração, tudo o mais, lhe escapava. Bem que os monges, a princípio, tentaram lhe ensinar outras orações. Mas era um trabalho inútil. Por fim, o superior mandou que desistissem, pois o novo convento, com seus campos e suas vinhas, precisava de muita gente para ser administrado com eficiência, e não se podia ficar perdendo tempo.

O antigo cavaleiro foi deixado de lado. Estabeleceram que se alimentasse na cozinha e não no refeitório, para que sua vista não chocasse os visitantes. Pelo mesmo motivo, ele não deveria freqüentar a capela, mas assistiria à missa por uma janela estreita que dava para o jardim. Seu trabalho seria o de carregar a lenha. O resto do tempo poderia ocupar da forma que entendesse, desde que não atrapalhasse ninguém. Mas ele não atrapalhava. Desligado das coisas e dos homens passava seu tempo, ora de joelhos no quarto diante da Virgenzinha de marfim, ora caminhando pelos campos e vinhedos, rezando sempre "Ave Maria... Ave Maria... Ave Maria..."

Os noviços o apelidaram de "Frei Ave Maria", e logo o apelido pegou. Riam-se quando ele passava. Pelas costas, atiravam-lhe pedrinhas. Reservavam-lhe os restos da mesa, que ninguém mais queria. Mudaram seu quarto para um cômodo ao lado do depósito de lenha, onde só cabiam uma enxerga e a Virgem de marfim. Mas ele não parecia se incomodar. Sorria sempre e continuava rezando: "Ave Maria, Ave Maria". Tanta paciência acabou por incomodar. Alguns frades foram reclamar ao superior que, aquele murmúrio contínuo que fazia o frei Ave Maria, não os deixava se concentrar nem em suas orações, nem nas contas da administração. Em vista disso, o superior lhe proibiu o acesso ao interior do castelo. Lá fora, haveria espaço suficiente para ele rezar.

E, assim envelheceu aquele frei. Em um dia de inverno, um noviço auxiliar da cozinha o foi encontrar em seu quarto, ajoelhado diante da Virgem de marfim. Estava morto. Foi com alívio que os monges, depois de uma rápida cerimônia, o sepultaram. O noviço que o encontrara, se lembrou de prender à cruz da sepultura, a pequena Virgem de marfim. Depois, foram todos cuidar dos seus negócios e a neve cobriu tudo.

Quando veio a primavera, a neve derreteu, e o mesmo noviço reparou que uma plantinha nascia na terra do túmulo, e se enroscava na Cruz. Depois de um mês, a trepadeira cobria todo o lenho, circundando a imagem de marfim. Pequenos botões pareciam surgir, se multiplicar, pulular...

E, no mês de maio, os botões se abriram em flor. E os monges, assustados com a gritaria que fazia o noviço, vieram todos contemplar as flores, que rodeavam a pequena Virgem de marfim. Eram lírios, mas lírios dourados como o trigo maduro banhado pelo sol, e, em cada uma de suas pétalas se podia ler, em letras de sangue: Ave Maria... Ave Maria... Ave Maria...

A Jesus, ao Nascer

Levantai-vos alma fiel; Jesus vos convida esta noite a virdes lhe beijar os pés. Os pastores que foram visitá-Lo na lapa de Belém, levaram presentes; é necessário que ofereçais também os vossos. Mas que oferecereis? O presente mais agradável que podeis oferecer a Jesus, é um coração arrependido e amante. Eis então os sentimentos que lhe deveis exprimir:

Manchado de tantos pecados, não teria eu a audácia de aproximar-me de vós Senhor, se vós mesmo não me convidareis com tanta bondade. Mas visto que chamais tão amorosamente, não quero recusar o favor com que me honrais.

Entretanto sou extremamente pobre. Não tenho outra coisa para oferecer-vos que meu miserável coração: eu vo-lo apresento. Na verdade, este coração vos ofendeu outrora; mas hoje está penetrado de dor. Eu vos ofereço arrependido.

Sim adorável menino, arrependo-me de vos haver contristado. Eu sou o bárbaro, o traidor, o ingrato, que vos causou tantos sofrimentos e vos fez derramar tantas lágrimas no estábulo de Belém; mas vossas lágrimas são minha esperança. Sou um pecador indigno de perdão, mas venho a vós que, sendo Deus, vos fizestes menino para me perdoar.

Ó Pai eterno, se mereço o inferno, olhai para as lágrimas que derrama vosso Filho inocente para me alcançar misericórdia. Nada recusais às orações de Jesus Cristo; despachai-lhe as súplicas, que para conseguir-me o perdão dos pecados as faz Ele nesta noite, que é noite de alegria de salvação e perdão.

Ah! Amado Menino, meu Jesus, de Vós espero o perdão de meus pecados; mas este perdão não basta: durante esta noite concedeis às almas grandes graças, desejo também eu uma, e grande, que é a de vos amar.

Abrasai-me todo no Vosso Santo Amor, e prendei-me a vós, mas prendei-me de tal modo, que não possa mais apartar-me de vós. Amo-vos ó meu Deus, feito menino por mim, mas muito pouco é o que vos amo; quero amar-vos muito, e a vós compete fazer que seja assim.

Venho beijar vossos pés e trazer-vos o meu coração. Mudai-o e guardai-o para sempre não mo restituais mais; porque se outra vez mo derdes, receio muito que de novo vos falte.

Ó Maria, Mãe do Divino Menino, e também minha Mãe, deposito nas vossas mãos meu pobre coração, apresentai-o a Jesus. Se vós mesma lho apresentais Ele o não recusará.

Apresentai então meu coração a Jesus, ó minha Mãe, e pedi-lhe que o aceite.

Amém.

Santo Afonso Maria de Ligório

"O CÉU SE ALEGRA E A TERRA SE ADMIRA SEMPRE QUE DIGO: AVE, MARIA"
(*Bem Aventurado Alano da Rocha*)